

Editorial

VALE
TUDO

Na semana passada, um ex-prefeito de Campo Grande, atualmente secretário de Estado do governo do Mato Grosso do Sul, foi multado pela Justiça Eleitoral, acusado de ter feito propaganda eleitoral antecipada. Ele é candidato ao governo do Estado.

Foi a primeira multa aplicada, neste ano, por antecipação da campanha eleitoral. O político apresentou-se como pré-candidato em redes sociais e concedeu entrevistas à imprensa. Como é de seu direito, vai recorrer, alegando que não pediu votos.

Os limites entre o que é movimentação dos candidatos a candidato e o que é propaganda eleitoral são difíceis de estabelecer pela própria Justiça Eleitoral, que tem entendimentos às vezes divergentes. Propaganda só é admitida a partir de 6 de julho.

Antes dessa data, o Brasil vai ser atravessado pela Copa do Mundo. Até lá, também, os atuais governantes, candidatos ou com candidatos à sua sucessão, poderão participar de atos oficiais, como fazer inaugurações, o que não deixa de ser propaganda.

Obras são a melhor credencial para obter votos. Para isso, até formatura serve. Ontem, por exemplo, a presidente Dilma Rousseff voou de Brasília a Governador Valadares para entregar diplomas a formandos de um programa de formação profissional.

A isonomia é um ideal difícil de ser cumprido. Enquanto isso, o debate se acirra. Na semana passada, ele foi aberto pelo ex-presidente Lula e pelo senador Aécio Neves, por ocasião da apresentação de seus afilhados, pré-candidatos ao governo do Estado.

Lula disse que o governo federal é que custeia as obras no Estado. Aécio declarou que quer ser “o maior presidente que o país já teve”. A mídia, na circunstância, contribui para projetar candidatos e propostas, obrigando-se a divulgar suas movimentações.

A lei está sendo descumprida. Paga-se ou recorre-se da multa. Pior: a Justiça não é respeitada. Vale tudo.

SEMPRE EDITORA LTDA

FUNDADOR Vittorio Medioli
PRESIDENTE Laura Medioli
VICE-PRESIDENTE Luiz Alberto de Castro Tito
DIRETOR EXECUTIVO Heron Guimarães
DIRETOR FINANCEIRO Marcos de Oliveira e Souza

GERENTE COMERCIAL
Fabiano Guerra

GERENTE DE TECNOLOGIA
Fábio A. Santos

GERENTE INDUSTRIAL
Guilherme Reis

GERENTE ADMINISTRATIVO E FINANCEIRO
Walmir Prado

GERENTE DE MARKETING
Alessandra Soares

GERENTE DE CIRCULAÇÃO
Isabel Santos

GERENTE DE ASSINATURAS
Maria Beatriz Braga Rocha

EDITORA EXECUTIVA
Lúcia Castro

SECRETÁRIA DE REDAÇÃO
Michele Borges da Costa

ADJUNTO DA SECRETARIA DE REDAÇÃO
Murilo Rocha

CHEFE DE REPORTAGEM
Renata Nunes

EDITORES

Opinião: Victor de Almeida

Economia: Karlon Aredes

Política: Carla Kreeft

Magazine: Silvana Mascagna

Brasil/Mundo/Interessa: Carla Chein

Esportes: Denner Taylor

Cidades: Marina Schettini

Primeira: Frederico Duboc

Fotografia: Rejane Araújo

O.PINIÃO



www.dukechargista.com.br



FÁTIMA OLIVEIRA

Médica

fatimaoliveira@ig.com.br

O que pensa o ministro Arthur Chioro sobre a saúde da mulher

Por que tanto dinheiro não dá visibilidade às ações?

Preocupada com o silêncio sepulcral do novo ministro da Saúde, Arthur Chioro, que assumiu dia 3 passado, sobre a saúde da mulher, e também porque não ouvi nenhum sussurro nos becos de que há alguma conversa da militância pela saúde da mulher agendada com o novo ministro, já que com seu antecessor nada foi fácil e muito menos civilizado no tocante à Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da Mulher (2003, governo Lula, ministro Humberto Costa), resolvi fazer uma busca em meus guardados. Encontrei um arquivo datado de 2003, uma “fala” que fiz no 2º Fórum Mundial de Saúde (3º Fórum Social Mundial), realizado em Porto Alegre, em 21 de janeiro de 2003, denominada “Saúde e políticas de gênero: o papel do movimento social”.

Escrevi que “Lutar pela saúde da mulher é a arte de fazer inimigos. Parece, e é um paradoxo. Mas por que será que governantes e executores de políticas de saúde são intolerantes quando nos referimos à saúde da mulher? Ouvi de um secretário de Saúde: ‘As feministas são muito abusadas, exigentes demais e nunca nada está bom para elas’. Enfim, somos umas chatas. Vai ver que somos. Mas qual é o cerne da questão mesmo?”

Para responder, faço minhas as palavras de Betânia Ávila: ‘A crítica tem sido tomada por muitos governantes como atitude inapropriada, como se, além de conviver com as injustiças, tivéssemos ainda que renunciar ao direito conquistado de expressar nossas opiniões. Conquista, aliás, muito recente em nosso país’ (‘Políticas sociais para mulheres pobres: o caso da Bolsa Ali-

mentação’, ‘Jornal Fêmea’, outubro/2001)”.

Reli com atenção. Rememorei a luta titânica contra o fundamentalismo religioso que enfrentamos na gestão do ministro Padilha: problemas pertinentes à Rede Cegonha (por onde será que ela anda voando?) e, logo em seguida, com a famigerada Medida Provisória 557 (MP 557) e seu nascituro, de que nunca descobrimos o pai nem a mãe, que a presidente Dilma, felizmente, compreendeu que era um absurdo, além de inconstitucional, e deixou que caducasse

O ministro não mencionou nenhuma vez a palavra “mulher” – e pensar que somos um pouco mais da metade da população brasileira!

no Congresso Nacional (31 de maio de 2012)! Vencemos no papel. Somente no papel.

O fato é que o que existia antes como saúde da mulher no âmbito das secretarias estaduais e municipais de Saúde parece que encolheu; em muitas, tomaram um chazinho de sumiço e a realidade é medonha. Era esperado, já que no Ministério da Saúde também nada avançou como área técnica. O que é de algum modo inexplicável, na medida em que parece que há dinheiro a rodo para a saúde. Então, a pergunta é por que tanto dinheiro não serve para dar visibilidade às ações em saúde da mulher enquanto tal? Há um descompasso a ser supera-

do para que a dívida histórica do Estado brasileiro para com saúde da mulher seja minimamente reparada.

Em seu longo discurso de posse, o ministro Arthur Chioro não mencionou nenhuma vez a palavra mulher – e pensar que somos um pouco mais da metade da população brasileira! Saúde da mulher apareceu de passagem quando ele se referiu à mortalidade materna e, não sendo muito criativo, ele mencionou a palavra câncer.

Vejam os: “O que me move para enfrentar problemas como a mortalidade infantil e materna ou prevenir e combater o câncer, a dengue, a Aids ou as hepatites não é a simples glória de apresentar indicadores mais satisfatórios. O que me move a enfrentar esses desafios é o desejo de produzir mais vida (...). Me movo, como disse, pelo desejo de produzir mais vida e, defender a vida, mais saúde mais democracia e mais liberdade”. E daí?

DUKE

